

# A MANUTENÇÃO DA CASA ESPÍRITA



RODRIGO FELIX DA CRUZ

**A MANUTENÇÃO DA CASA ESPÍRITA**  
**Rodrigo Félix da Cruz**

Publicação digital  
1ª edição, Julho de 2011  
São Paulo – Brasil

Copyright © Todos os direitos desta obra são reservados ao autor que autoriza reproduções desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
DA CRUZ, RODRIGO FELIX  
A MANUTENÇÃO DA CASA ESPÍRITA.  
90 p. 14 x 21 cm  
1.Espiritismo  
Da Cruz, Rodrigo Felix. II Título

Ilustração da capa: do autor

*[www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br)*

# A MANUTENÇÃO DA CASA ESPÍRITA

RODRIGO FELIX DA CRUZ

# Sumário

- 1 – Introdução pag. 8
- 2 – A função da Casa Espírita pag. 10
- 3 – Como Kardec fazia. pag. 18
- 4 – Como podemos fazer. pag. 24
- 5 – Lembrando a Casa do Caminho pag. 30
- 6 – Conclusão pag. 44
- 7 – Bibliografia pag. 46

*“Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.*

Jesus - Mateus 22:21



## **Dedicatória:**

*Dedico este singelo livro ao Pai Maior, à Espiritualidade Amiga que me intuiu na redação, aos Dirigentes e Trabalhadores que bravamente fazem a manutenção das atividades das Casas Espíritas.*

# 1

## Introdução

Caro leitor,

Este é trabalho nasceu da reflexão sobre um tema que tem sido feito com um tabu, um assunto delicado e de discussão praticamente proibida.

As pessoas que corajosamente ousaram debater a Manutenção da Casa Espírita foram rotuladas de subversivas e hereges, sendo excomungadas e enviadas para as fogueiras da Inquisição Moral por aqueles que se julgam donos da verdade.

No entanto, nosso objetivo não é o de trazer polêmica ao meio Espírita, pois já temos discussões estéreis em demasia e somente o Trabalho com Amor edifica. Não adianta ficarmos estacionados no campo das ideias de braços cruzados diante da grande Seara do Mestre enquanto faltam trabalhadores.

Compreendemos ambos os lados da questão: de um lado os Dirigentes que heroicamente lutam para manter em funcionamento suas Casas Espíritas e de outro lado os Intelectuais Espíritas que apresentam suas ideias de como deve ser a Doutrina dos Espíritos.

O equilíbrio entre os dois lados está na reflexão, pois nós Espíritas somos livre-pensadores, assim como no caráter experimental da Doutrina Espírita nos permite buscar alternativas para a solução da árdua tarefa de promover a Manutenção da Casa Espírita.



O objetivo desse ensaio é justamente trazer à reflexão qual a melhor forma de fazer a Manutenção da Casa Espírita respeitando as diretrizes do Evangelho e da Doutrina dos Espíritos codificada por Allan Kardec: *Fora da Caridade não há salvação.*

Deixamos bem claro que este trabalho é mero exercício de reflexão e que somos simples Aprendizes do Evangelho.

Em nossa Doutrina, aquele que se julgar muito sábio deve rever seus conceitos e começar do zero: Saulo, o Doutor da Lei perseguidor dos primeiros cristão, após sua conversão no caminho de Damasco, ficou durante três anos em um retiro no deserto para recomeçar sua vida. Depois disso tornou-se Paulo um dos maiores missionários do Cristianismo.

## 2

# A função da Casa Espírita

A Casa Espírita não é apenas um espaço físico para reunião de espíritas. Ela constituiu-se um posto da espiritualidade para aprendizado, fraternidade e convivência. Sua importância cresce à medida que seus frequentadores se capacitam em transformar a realidade mediante a vivência do evangelho.

Para fins didáticos podemos classificar as funções da Casa Espírita em 10 relevantes serviços:

- 1) Recepção:** Importante atividade de triagem que recebe as pessoas que adentram a Casa e Espírita para informações, dúvidas, assistência espiritual, assistência material, etc.
- 2) Palestra:** Serviço de explanação do Evangelho, Doutrina Espírita e temas relevantes que tem a finalidade de orientar, consolar, incentivar e elevar o padrão vibratório dos ouvintes de modo a facilitar o trabalho de atendimento realizado pela equipe espiritual da Casa.
- 3) Atendimento Particular:** Também chamado de Entrevista ou Triagem, constitui-se em humana atividade na qual o trabalhador da casa destacado para esta finalidade conversa com o assistido individualmente para direcioná-lo ao atendimento adequado às suas necessidades, bem como dá as primeiras informações sobre a Doutrina e incentivo para vencer suas adversidades à luz do Evangelho e mediante a Reforma Íntima.

- 4) **Reunião Mediúnica:** Trabalho que pode ter a finalidade de assistência espiritual aos assistidos encarnados e desencarnados que chegam a casa em busca de auxílio, também pode ter a finalidade de estudo e educação mediúnica. Tal atividade é realizada por médiuns, doutrinadores, dirigentes, bem com pela junta de trabalhadores desencarnados que promovem o intercâmbio entre nosso plano físico e o plano extrafísico.
- 5) **Assistência Espiritual:** A Assistência Espiritual é um conjunto de atividades tais como entrevistas, passes, palestras e reunião mediúnica que tem por finalidade restabelecer o equilíbrio físico e emocional do assistido.
- 6) **Passes:** Atividade de transfusão de energia que independente da forma que é realizada, promove o bem-estar do assistido reequilibrando os órgãos do corpo espiritual (perispírito).
- 7) **Livro de Preces:** Atividade de registro de pedidos de oração que é atendida por trabalhadores que farão preces e vibrações/irradiações em intercessão dos assistidos.
- 8) **Estudos Doutrinários:** Atividade de Ensino da Doutrina Espírita. O Estudo da Doutrina Espírita constitui-se da continuação da Assistência Espiritual, pois não adianta ao assistido apenas receber passes, ouvir palestra, e etc. Este deve estudar a Doutrina Espírita para sua evolução moral e intelectual.
- 9) **Assistência Material:** Atividade de assistência social que promove a distribuição de cestas básicas, cursos profissionalizantes, apoio à crianças órfãs, aos idosos desamparados, apoio aos portadores necessidades especiais, apoio aos enfermos, apoio psicológico/psiquiátrico, apoio jurídico, etc.
- 10) **Divulgação da Doutrina:** Atividade de difusão dos princípios da Doutrina Espírita por meio de Palestras,

programas de rádio, programas de TV, sites, jornais, revistas, músicas, campanhas, debates, etc.

Cada Centro Espírita ao ser criado estabelece em seu estatuto quais serão as atividades que serão desenvolvidas pelos seus membros.

Para entender melhor a função da Casa Espírita ninguém melhor do que o Professor Kardec para nos ensinar pelo Capítulo XXIX do *Livro dos Médiuns*:

*324. As reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que tomam parte nelas se esclareçam mediante a permuta das ideias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais, que vamos examinar, porque erraria quem as comparasse às reuniões ordinárias. Todavia, cada reunião sendo afinal um todo coletivo, o que lhes diz respeito decorre naturalmente das precedentes instruções. Cabe-lhes tomarem as mesmas precauções e preservarem-se dos mesmos perigos que os indivíduos. Essa a razão por que colocamos em último lugar esse capítulo. Elas apresentam caracteres muito diferentes, conforme o fim com que se realizam; por isso mesmo, suas condições intrínsecas também devem diferir. Segundo o gênero a que pertencam, podem ser frívolas, experimentais, ou instrutivas.*

O Codificador explica a importância da Reunião Espírita como local de esclarecimento, permuta de ideias e estudos. Classifica tais reuniões em frívolas (não sérias), experimentais (para estudo) ou instrutivas (assistência espiritual).

*325. As reuniões fúteis se compõem de pessoas que só enxergam o lado divertido das manifestações, que se divertem com as peripécias dos Espíritos levianos, aos quais muito agrada a esse tipo de assembleia, a que não faltam por gozarem nelas de toda a liberdade para se exibirem. É nessas reuniões que se perguntam banalidades de toda qualidade, que se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se põe à prova a perspicácia deles em adivinhar as idades, ou o que cada um tem no bolso, em revelar segredinhos e mil outras coisas de igual importância. Tais reuniões são sem resultado; mas, como às vezes os Espíritos levianos são muito inteligentes e, em*

*geral, de bom humor e bastante jovialidade, acontecem nelas frequentemente fatos muito curiosos, de que o observador pode tirar proveito. Aquele que só tenha visto isso e julgue o mundo dos Espíritos por essa amostra, fará deste uma ideia tão falsa como quem julgasse toda a sociedade de uma grande capital pela de alguns de seus quarteirões. O simples bom senso diz que os Espíritos elevados não comparecem às reuniões deste gênero, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores. Quem queira se ocupar com coisas inúteis deve francamente chamar Espíritos levianos, do mesmo modo que para divertir uma sociedade chamaria gaiatos; porém, aquele que convidasse individualidades respeitadas para semelhantes coisas, cometeria uma profanação, porque seria misturar o sagrado com o profano.*

No parágrafo acima temos uma completa definição de tipo de Reunião/Casa Espírita que devemos nos abster se queremos realmente buscar o Espiritismo para fins elevados. Onde não há seriedade e não se pratica o bem, encontraremos o mal.

*326. As reuniões experimentais têm particularmente por objetivo a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso que educativo. Os infiéis saem delas mais admirados do que convencidos, quando ainda outra coisa não viram, e se voltam inteiramente para a pesquisa dos artifícios, porque não percebendo nada de tudo aquilo, de boa mente imaginam a existência de fraudes. Já outro tanto não se dá com os que estudam; esses compreendem de antemão a possibilidade dos fenômenos e a observação dos fatos positivos lhes determina ou completa a convicção. Se houver falcatrua, eles se acharão em condições de descobri-los. Apesar disso, as experiências desta ordem trazem uma utilidade, que ninguém ousaria negar, visto terem sido elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível – e para muita gente é um poderoso meio de convicção. Mas sustentamos que por si só elas não conseguem iniciar a quem quer que seja na ciência espírita, do mesmo modo que a simples verificação de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica de quem não conheça suas leis. Contudo, se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores. Voltaremos em breve a este ponto.*

As reuniões experimentais serão nobres desde que o seu objetivo seja o estudo dos fenômenos espirituais e divulgação da

Doutrina. É necessário ter muita sabedoria para promover tal tipo de atividade para não incorrer em mistificações.

*327. As reuniões instrutivas apresentam caráter muito diferente e, como são as em que se pode buscar o verdadeiro ensino, insistiremos mais sobre as condições a que devem satisfazer. A primeira de todas é que sejam sérias, na definição integral da palavra. É importante que todos se convençam que os Espíritos – de quem desejamos manifestações – são de natureza especialíssima; que, não podendo misturar o sublime com o trivial, nem o bem ao mal, quem quiser obter coisas boas precisa se dirigir a bons Espíritos. Mas não basta que se evoquem bons Espíritos; como condição expressa, é preciso que os assistentes estejam em condições propícias, para que eles possam em vir. Ora, Espíritos superiores não virão a reuniões de homens levianos e superficiais, como não viriam quando vivos. Uma reunião só e verdadeiramente séria quando reflete coisas úteis, excluindo todas as demais. Se aqueles que a formam aspiram a obter fenômenos extraordinários por mera curiosidade ou passatempo, talvez compareçam Espíritos que os produzam, mas os outros se afastarão daí. Numa palavra, qualquer que seja o nível de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a favorecer as tendências dos que a componham. Assim, afasta-se do seu objetivo toda reunião séria em que o ensino é substituído pelo divertimento. Como dissemos, as manifestações físicas têm sua utilidade; vão às sessões experimentais os que queiram ver; vão às reuniões de estudos os que queiram compreender; é desse modo que uns e outros conseguirão completar sua instrução espírita, tal qual fazem os que estudam medicina, os quais vão, uns aos cursos, outros às clínicas.*

As reuniões instrutivas promovem importante serviço á humanidade, pois promovem o ensino, trazem elevação moral e assistência aos encarnados e desencarnados necessitados de amparo, assim como nos dá oportunidade de trabalho útil em favor do próximo.

*331. Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são o resultado das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe terá mais força quanto mais semelhante for. Caso compreenda bem o que foi dito (nº 282, pergunta 5), sobre a maneira como os Espíritos são avisados do nosso chamado, facilmente compreenderá o poder da associação dos pensamentos dos participantes. Desde que o Espírito é de certo modo atingido pelo pensamento – como nós somos pela voz – ,unindo-se vinte pessoas*

*com a mesma intenção, terão necessariamente mais força do que uma só; mas, a fim de que todos esses pensamentos trabalhem para o mesmo fim, é preciso que vibrem em uníssono 54 ; que se confundam, por assim dizer, em um só, o que não pode ser sem a concentração. Por outro lado, chegando a um meio que lhe seja completamente simpático, o Espírito aí se sentirá mais à vontade. Sabendo que só encontrará amigos, virá mais*

**(54 Uníssono:** *um som semelhante, como uma só voz – N. D.)*

*facilmente e mais disposto a responder. Quem quer que tenha acompanhado com alguma atenção as manifestações espíritas inteligentes obrigatoriamente terá se convencido desta verdade. Se os pensamentos forem divergentes, resultará daí um choque de ideias desagradável ao Espírito e, por conseguinte, prejudicial à comunicação. O mesmo acontece com um homem que tenha de falar perante uma assembleia: se sente que todos os pensamentos lhes são simpáticos e benévolos, a impressão que recebe reage sobre as suas próprias ideias e lhes dá mais vivacidade. A unanimidade desse auxílio exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que multiplica seus recursos, ao passo que a indiferença ou a hostilidade o perturbam e paralisam. É assim que os aplausos eletrizam os atores. Ora, sendo os Espíritos muito mais sensíveis que os humanos, sem dúvida muito mais fortemente do que estes sofrem a influência do meio. Pois então, toda reunião espírita deve tender para a maior harmonia possível. Está entendido que falamos dos encontros em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se o que se quer é apenas obter comunicações – sejam estas quais forem, sem nenhuma atenção à qualidade dos que as manifestem –, evidentemente se tornam desnecessárias todas essas precauções; mas, então, ninguém tem que se queixar da qualidade do produto.*

Kardec ensina que todos nós somos responsáveis pelas atividades da Casa Espírita. Todos os membros contribuem somando suas vibrações/pensamentos formando uma egrégora que é uma entidade energética coletiva. Olhando por este aspecto a responsabilidade pelo êxito das atividades não dependem apenas dos dirigentes. Depende de cada um dos participantes.

#### **DAS SOCIEDADES PROPRIAMENTE DITAS**

334. *Tudo o que dissemos das reuniões em geral se aplica naturalmente às Sociedades regularmente constituídas, as quais, entretanto, têm que lutar com algumas dificuldades especiais, vindas*

dos próprios laços existentes entre os seus membros. Sendo frequentes os pedidos que se dirigem a nós sobre a maneira de se formarem as Sociedades, resumiremos aqui o modelo em poucas palavras.

O Espiritismo – que apenas acaba de nascer – ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação ou Sociedade. É impossível que semelhante laço exista a não ser entre os que percebem o seu objetivo moral, o compreendem e o aplicam a si mesmos. Entre os que nele veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, quanto à maneira de considerá-los, basta para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porque acerca da questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto assim que, onde quer que eles se encontrem, confiança mútua os atrai uns para os outros e a recíproca benevolência, que entre todos reina, exclui o constrangimento e o vexame que nascem do melindre, do orgulho que se irrita à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para a pessoa em quem domina.

Uma Sociedade – onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer cada um que a sua opinião prevaleça – seria não só viável, mas também indissolúvel. A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos harmônicos deste ponto de vista, nos leva a dizer que no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, trocando observações, desde já podem formar o núcleo da grande família espírita, que um dia associará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã.

No parágrafo acima, o professor Kardec alertou para os problemas que podem sobrevir ao Centro Espírita: Seriedade, diferenças entre os membros, tamanho e seus objetivos. Por isso o codificador alertou que **toda a sociedade espírita deve ser orientada pelo sentimento de fraternidade mediante a caridade cristã.**



*341. A influência do meio é conseqüência da natureza dos Espíritos e do modo por que atuam sobre os seres vivos. Dessa influência pode cada um deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma Sociedade que busque granjear a simpatia dos bons Espíritos e a só obter boas comunicações, afastando as más. Estas condições se contêm todas nas disposições morais dos assistentes e se resumem nos pontos seguintes:*

- Perfeita comunhão de opiniões e de sentimentos;*
- Cordialidade recíproca entre todos os membros;*
- Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;*
- Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos dos Espíritos e do aproveitamento de seus conselhos.*

A influência dos Espíritos é maior do que imaginamos. Cada freqüentador da Casa Espírita leva consigo suas companhias espirituais de acordo sua elevação moral. Portanto, para que tenhamos a simpatia dos benfeitores espirituais é necessário seguir as regras de convivência acima descritas.

Quando promovemos um ambiente fraterno, democrático, educativo e direcionado a evolução moral/intelectual, conseguiremos estabelecer um posto avançado da Espiritualidade na terra. Jesus disse: *Onde dois ou mais estiverem reunidos em Meu Nome, ali estarei* (Mateus 18:20)

Que tipo de Casa Espírita queremos? Qual a qualidade de seus trabalhos? Será que suas atividades são realizadas de forma séria e dentro dos princípios Cristão? Kardec nos dá a seguinte resposta: **A Casa Espírita depende de todos nós.**

## 3

# Como Kardec fazia

Em 1º de abril de 1.858, Kardec fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, um ano depois da codificação da Doutrina Espírita e publicação do *Livro dos Espíritos* (18 de abril de 1857). Esta foi a primeira Casa Espírita oficialmente constituída.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi constituída com o objetivo de promover estudos relativos às manifestações espíritas e suas conseqüências. Era uma Casa dedicada aos primeiros estudos científicos da Doutrina dos Espíritos. Em *O Livro dos Médiuns* Kardec reproduziu o estatuto da primeira Casa Espírita:

### CAPÍTULO XXX

#### REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

*Fundada em 1º de abril de 1858*

*E autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, na data de 13 de abril de 1858, de acordo com o aviso do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.*

**Nota** – *Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de Sociedades aos que queiram fundá-las, os quais aí encontrarão os dispositivos que lhes pareçam convenientes e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam particulares. Embora já esteja sintetizado, esse modelo ainda poderá ser muito mais simplificado, quando se tratar, não de Sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas necessitam adotar medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos. Nós o apresentamos igualmente para a*

*organização dos que desejam manter relações com a Sociedade – Parisiense – quer como correspondentes, quer a título de membros da Sociedade.*

*CAPÍTULO I — Fins e for mação da Sociedade*

*Art. 1º – A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas.*

*São proibidas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social.*

*Toma por título: Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.*

Naquele momento todo fenômeno espírita era novidade e por isso despertou o interesse de muitos intelectuais de diversas áreas do conhecimento que se filiaram a esta Sociedade recém criada.

Remetemos o leitor que tenha o interesse em entender melhor a forma que foi promovida a Codificação da Doutrina dos Espíritos, seu momento histórico, seus desdobramentos e vinda para o Brasil, à leitura de um livro de nossa autoria, *O Espiritismo em Movimento*, disponível para download no site [www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br) - sala de leitura ou no site [www.panoramaespirita.com.br](http://www.panoramaespirita.com.br) – seção artigos>codificação.

Voltando ao assunto, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas devido à sua função de centro de estudos tinha um modelo bem diferente ao da atual Casa Espírita.

Kardec sabia que era o início da Doutrina e que futuramente a função de uma Sociedade Espírita somaria outras atividades, por isso logo no início do regulamento apresentado no Capítulo XXX do *Livro dos Médiuns* alertou:

**Nota** – *Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de Sociedades aos que queiram fundá-las, os quais aí encontrarão os dispositivos que lhes pareçam convenientes e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam particulares. Embora já esteja sintetizado, esse modelo ainda poderá ser muito mais*

*simplificado, quando se tratar, não de Sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas necessitam adotar medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos. Nós o apresentamos igualmente para a organização dos que desejam manter relações com a Sociedade – Parisiense – quer como correspondentes, quer a título de membros da Sociedade.*

Atualmente, a Casa Espírita segue o princípio ensinado por Kardec de que *“Fora da Caridade não há Salvação”*, por isso além dos estudos sobre os fenômenos espíritas, também são realizados o atendimento fraterno, a assistência espiritual, a assistência social, bem como a divulgação da Doutrina Espírita.

Outro ponto importante é o tipo de público freqüentador da Casa Espírita. No Século XIX, em sua maioria, os freqüentadores eram intelectuais que buscavam observar e estudar os fenômenos espíritas. Estes eram oriundos da nobreza e burguesia e por isso tinham condições financeiras de fazerem a Manutenção da Casa Espírita por meio de contribuições mensais.

*Art. 2º – A Sociedade se compõe de sócios titulados, de associados livres e de sócios correspondentes.*

*Pode conferir o título de sócio honorário a pessoas residentes na França ou no exterior, que pela sua posição ou por seus trabalhos, possam lhes prestar serviços assinaláveis.*

*Os sócios honorários são submetidos à reeleição todos os anos.*

***Art. 15 — Para bancar as despesas da Sociedade, os titulares pagarão uma cota anual de 24 francos e os associados livres a de 20 francos.***

***Além disso, ao serem admitidos, os sócios titulares pagarão 10 francos, de uma vez, como joia de entrada.***

*A cota é paga integralmente por ano corrente.*

*Os que forem admitidos só terão que pagar, do ano em que se der a admissão, os trimestres ainda não decorridos, incluído o em que essa admissão se verificar.*

*Quando marido e mulher forem aceitos como associados livres ou titulares, só uma cota e meia será exigida pelos dois.*

*Cada seis meses, a 1º de abril e 1º de outubro, o Tesoureiro prestará à Comissão contas do emprego e da situação dos fundos.*

*Pagas as despesas diárias de alugueis e outras obrigatórias, se houver saldo a Sociedade determinará o emprego a lhes dar.*

*Art. 16 – A todos os admitidos (associados livres ou titulares) será entregue um cartão de admissão, comprovando-lhe a categoria. Esse cartão fica com o Tesoureiro, de cujo poder o novo sócio poderá retirá-lo, pagando a sua cota e a joia de entrada. Ele não poderá assistir às sessões senão depois de haver retirado o seu cartão. Não o tendo feito até um mês depois da sua admissão, será considerado demissionário.*

*Será igualmente considerado demissionário todo sócio que não houver pago sua cota anual no primeiro mês da renovação do ano social, desde que fique sem resultado um aviso que o Tesoureiro lhe enviará.*

**Existe uma respeitável corrente de intelectuais espíritas que defendem o retorno da mensalidade para a Manutenção da Casa Espírita**

defendendo a tese de que somente podemos dar de graça o que de graça recebemos. Impostos, conta de água, conta de luz, conta de telefone, materiais de limpeza, materiais de higiene e insumos administrativos não são obtidos de graça, e por isso não é possível fornecê-los também de graça.

Nessa tese seria desonesto e insensível querer receber de graça de uma instituição aquilo que é oneroso para esta. Os adeptos dessa corrente apontam que houve erro na implantação do Espiritismo no Brasil que adotou o modelo assistencialista católico.

Também defendem a idéia de que é melhor cobrar uma mensalidade do que promover eventos muitas vezes contrários à Doutrina Espírita como jogos, bailes extravagantes e venda de bebidas alcoólicas.

Dessa forma defendem o uso dos artigos 15 e 16 do estatuto da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. A Associação Espírita “Luz de Cáritas” em Belém do Pará adota este modelo de Manutenção de suas atividades.

**De outro lado, existe outra corrente também respeitável de intelectuais que são contra a cobrança de mensalidade** defendendo a teses de que de acordo o Evangelho Segundo o Espiritismo para promover a caridade não devemos nada cobrar dos assistidos, mas antes nos esforçar para dar algo de nós mesmos:

Capítulo 13 – Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita. – Item 4: Os infortúnios ocultos.

“Porque tão singelo traje? **Para não insultar a miséria com o seu luxo.** Porque se faz acompanhar da filha? *Para que aprenda como se deve praticar a beneficência.* A mocinha também quer fazer a caridade. A mãe, porém, lhe diz: **Que podes dar minha filha, quando nada tens de teu? Se eu te passar às mãos alguma coisa para que dê a outrem, qual será o teu mérito?**

Antes de nos posicionarmos diante essas duas correntes lembramos que Kardec não pretendeu deixar um modelo de estatuto como regra para todas as casas espíritas, por isso logo no início do Capítulo XXX do Livro dos Médiuns notificou:

***Nota – Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de Sociedades aos que queiram fundá-las, os quais aí encontrarão os dispositivos que lhes pareçam convenientes e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam particulares.***

Outra análise importante é a diferença entre o público freqüentador da Sociedade Espírita Parisiense e da atual Casa Espírita. Se o público integrante da Sociedade Espírita Parisiense era o intelectual nobre ou burguês capaz de financiar suas atividades. Atualmente a Casa Espírita conta com um público de todas as classes sociais, desde Empresários e Magistrados, como trabalhadores da classe média como funcionários públicos, autônomos e comerciantes, como pessoas das classes mais humildes como operários, desempregados, e até mesmo moradores de rua.

Considerando este público variado não seria justo nem coerente exigir que todos se associem e paguem uma mensalidade

para prover a Manutenção da Casa Espírita. Para uns o valor seria irrisório e para outros o valor seria elevado.

O que fazer para resolver esse impasse?

Seria correto cobrar uma mensalidade de todos?

Seria correto continuar fazendo arrecadações voluntárias?

Seria correto continuar fazer eventos como bingos, bailes, churrascos, almoços e jantares?

No próximo capítulo apresentaremos ao leitor uma sugestão alternativa entre as duas correntes divergentes pela cobrança ou não da mensalidade para Manutenção da Casa Espírita.

## 4

# Como Podemos fazer

Para responder a todas as perguntas relativas à Manutenção da Casa Espírita propostas no capítulo anterior voltemos a ver o que Kardec fazia:

*Art. 2º – A Sociedade se compõe de sócios titulados, de associados livres e de sócios correspondentes.*

Desde o início Kardec observou a existência de três tipos de públicos, o associado livre, o associado titular e o associado correspondente. O associado titular era a pessoa que podia assumir maiores responsabilidades dentro da Sociedade seja por maior disponibilidade de tempo, seja por maior interesse nas atividades realizadas. O associado correspondente era aquele que não residia nas proximidades de Paris.

Desse modo, se Kardec dividiu os associados em três categorias de acordo com o grau de responsabilidade com a causa espírita, seguindo sua mesma linha de raciocínio, podemos também fazer o mesmo, porém, dividindo o público frequentador em duas categorias para fins de Manutenção da Casa Espírita:

- 1) Aqueles que possuem condições e interesse em fazer a Manutenção da Casa Espírita em prol da Causa Espírita, estes podemos denominar **associados**.



- 2) Aqueles que não possuem condições contribuir com a Manutenção da Casa, muitas vezes tendo a intenção de fazer. No entanto, existem outras formas em que podem contribuir. Denominaremos estes como **assistidos**.

Depois de feita a divisão do público da Casa Espírita em dois grupos, **associados e assistidos**. Apresentaremos ao leitor Como Podemos Fazer a Manutenção da Casa Espírita.

Defendemos uma proposta intermediária entre as duas correntes, as dos que defendem a mensalidade, e as do que são contra mantendo a promoção de doações voluntárias e eventos – A Administração Democrática Participativa.

### **O Papel dos associados.**

**São associados**, aqueles que possuem maior grau de possibilidade e comprometimento com as atividades da Casa Espírita tais como os fundadores, os membros do corpo diretivo, os trabalhadores e todo aquele que tiver o interesse em contribuir voluntariamente.

A Casa Espírita confeccionará carnês com os quais os associados poderão assumir um valor de contribuição mensal que será revertida em favor das despesas fixas mensais da Casa Espírita como água, luz, telefone, etc.

É muito importante registrar o caráter voluntário da associação. A Casa Espírita somente deverá convidar para ser associada à pessoa que já está familiarizada com os trabalhos desenvolvidos.

Os únicos requisitos para ser associado são o Amor e a Caridade.

## O Papel dos Assistidos.

**Assistidos** são as pessoas que freqüentam a Casa Espírita de forma contínua ou não, se beneficiam das atividades da casa, constituindo-se como seu público alvo. O grau de envolvimento do **Assistido** com a Casa Espírita dependerá de seu grau de envolvimento com a Doutrina Espírita. Pode ser inicialmente um visitante, podendo depois, tornar-se freqüentador assíduo.

O **Assistido** será sempre bem recebido na Casa Espírita, independente de sua origem, condição, classe social ou religião. Na Casa Espírita encontrará o alento necessário para as adversidades que enfrenta na vida.

Para manter o princípio da Caridade a Casa Espírita nunca cobrará nada ao **assistido** pelo atendimento recebido em suas instalações. Também não constrangerá o **assistido** a tornar-se associado.

No entanto, o associado pode espontaneamente oferecer à Casa Espírita doações em dinheiro, roupas, alimentos, etc.

O **assistido** também poderá oferecer doações em campanhas realizadas pela Casa Espírita para ajudar o trabalho de assistência social e Manutenção de suas atividades.

A **Casa Espírita** por sua vez, também poderá **realizar eventos** como bazar beneficente, cantina, almoço, jantar e festas em datas comemorativas **nos quais os assistidos podem ser convidados a participar.**

Com relação a tais eventos convém destacar que a Casa Espírita não deve usar trabalhos de natureza mediúnica para não desvirtuar a Doutrina Espírita e nem o que o Evangelho que ensina:

*“De graça recebestes, de graça daí”. Jesus – Mateus (10:8)*

*Reprimir qualquer iniciativa tendente a assinalar a mediunidade, o médium ou os fatos mediúnicos como extraordinários ou místicos.*

*[...]*

*Ainda mesmo premido por extensas dificuldades, colocar o exercício da mediunidade acima dos eventos efêmeros e limitados que varrem constantemente os panoramas sociais e religiosos da Terra.*

*[...]*

*O mediano será sempre o responsável direto pela mensagem de que se faz portador. André Luiz – Conduta Espírita.*

Com o passar do tempo, de forma natural e espontânea muitos **assistidos**, após estudarem a Doutrina Espírita e compreenderem o papel da Casa Espírita, por sua vez também tornar-se-ão associados. Tudo ocorrerá naturalmente

### **O Papel da Administração da Casa Espírita.**

O papel da Administração da Casa Espírita é envidar todos os esforços para o desenvolvimento de suas atividades fundamentais: recepção, palestras, atendimento particular, reunião mediúnicas, assistência espiritual passes, livro de preces, assistência material, estudos doutrinários e divulgação da doutrina.

Para o cumprimento de seu papel a Administração da Casa Espírita deve criar um ambiente democrático, participativo e capacitador. Trocando em miúdos, isto significa que a Diretoria da Casa Espírita deve dividir e delegar responsabilidades criando equipes de trabalho nas quais deve vigorar o respeito mútuo e companheirismo.

Deve existir na medida do possível o rodízio de atividades para que todos os trabalhadores sejam capacitados em todas as atividades, pois **na Seara Espírita nenhum de nós somos imprescindíveis e insubstituíveis. O mesmo deve ocorrer**

**com o corpo diretivo da Casa** que deve periodicamente ser renovado por meio de eleições. Ninguém pode se considerar dono de uma Casa Espírita. Até Kardec tinha a preocupação em fazer isso:

*Art. 8º – A Sociedade é administrada por um Presidente-diretor, auxiliado pelos membros de uma diretoria e de uma comissão.*

*Art. 9º – A diretoria se compõe de: 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Secretário principal, 2 Secretários adjuntos e 1 Tesoureiro.*

*Além desses, um ou mais Presidentes honorários poderão ser nomeados.*

*Na falta do Presidente e do Vice-Presidente, as sessões serão presididas por um dos membros da comissão.*

*Art. 10 – O Presidente-diretor deverá dedicar todos os seus cuidados aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Cabem-lhe a direção geral e a alta superintendência da administração, assim como a conservação dos arquivos.*

**O Presidente é nomeado por três anos, os outros membros da diretoria por um ano, indefinidamente reelegíveis. O Livro dos Médiuns, Capítulo XXX.**

Uma Casa Espírita na qual os dirigentes e trabalhadores buscam somente fama e ter influência sobre as pessoas, torna-se então uma casa desvirtuada: *“Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam o seu galardão” – Jesus Mateus 6:2.*

Quanto à Manutenção das atividades da Casa Espírita, além do cuidado em não utilizar para arrecadação de fundos as 10 atividades assistenciais da casa acima descritas, **jamais deve submeter-se à dependência de patronos que queiram intervir nas atividades da Casa.**

Veja o que André Luiz comenta sobre o assunto em Conduta Espírita:

*Seja qual for o pretexto, nunca permitir que as instituições espíritas venham a depender econômica, moral ou juridicamente de pessoa ou organização meramente política, de modo a evitar que sejam prejudicadas em sua liberdade de ação e em seu caráter impessoal.*

*A obra espírita cristã não se compadece com qualquer cativoiro. André Luiz – Conduta Espírita.*

Depois de alcançados os cuidados e critérios acima descritos, a Administração da Casa Espírita poderá com tranqüilidade implantar o sistema aqui proposto dividindo os membros em associados e assistidos, confeccionar fichas ou carnês de mensalidades, bem como periodicamente efetuar campanhas beneficentes e eventos como almoços, bazar, livraria, festas comemorativas, etc.

Para alcançar êxito neste plano de Manutenção, a Administração da Casa Espírita deve fazer reuniões periódicas com o corpo diretivo e equipes de trabalhos para tudo decidir democraticamente, bem como fazer tudo de forma espontânea e voluntária, sem criar constrangimentos a quem quer que seja.

Um bom exemplo de Casa Espírita que adotou um sistema semelhante ao aqui proposto é o Centro Espírita Perseverança em São Paulo no qual o assistido pode fazer doações, participar do bazar, eventos ou associar-se retirando um carnê para doações mensais fixas. Resultado: A Casa possui diversas creches, conta com mais de 2.000 trabalhadores, recebe mais de 10.000 assistidos e tem um projeto de amparo ao Sertão Nordestino chamado Amigos do Bem.

**Em Síntese: A Manutenção da Casa Espírita depende de todos nós.**

# 5

## Lembrando a

## Casa do Caminho

Depois da apresentação de nossa proposta de Manutenção Democrática da Casa Espírita, gostaríamos de Lembrar como era o funcionamento da Casa do Caminho, primeiro ajuntamento cristão organizado na casa do Apóstolo Pedro em Jerusalém mediante a narrativa de Emmanuel em *Paulo e Estevão*:

*No dia imediato, à hora esperada, o casario palestinese estava à vista. E quando luziam os primeiros astros da noite, pequeno batel aproximava-se de local silencioso das margens, tripulado por dois homens cujos vultos se perdiam na sombra. Derradeiras palavras de bom conselho e despedida, e o moço hebreu osculou, comovidamente, a destra do benfeitor, que voltou à galera apressado, de consciência tranqüila.*

*Mal não dera os primeiros passos, Jeziel sentou-se premido pelas dores gerais que lhe tomavam todo o corpo e pelo abatimento natural, conseqüente à febre que o consumia. Idéias confusas dançavam-lhe no cérebro. Queria pensar na ventura da libertação; desejava fixar a imagem da irmã, que haveria de procurar no primeiro ensejo; mas estranho torpor infirmava-lhe as faculdades, acarretando-lhe sonolência invencível. Olhou, indiferente, as estrelas que povoavam a noite refrescada pelas brisas marinhas. Reparou que havia movimento nas casas próximas, mas deixou-se, ficar inerte no matagal a que se recolhera, junto da praia. Pesadelos estranhos dominaram-lhe o repouso físico, enquanto o vento lhe acariciava a fronte febril.*

*De madrugada, acordou ao contacto de mãos desconhecidas, que lhe revistavam atrevidamente os bolsos da túnica.*

*Abrindo os olhos, estremunhado, notou que os primeiros clarões*

*da alvorada listravam os horizontes. Um homem de fisionomia sagaz inclinava-se para ele, procurando alguma coisa, com ansiedade que o moço hebreu adivinhou de pronto, convencido de haver topado um desses malfeitores comuns, ávidos da bolsa alheia. Estremeceu e fez um movimento involuntário, observando que o assaltante inesperado alçara a mão direita, empunhando um instrumento, na iminência de exterminar-lhe a vida.*

— *Não me mates, amigo — balbuciou com voz trêmula.*

*A essas palavras, ditas comovedoramente, o meliante susteve o golpe homicida.*

— *Dar-vos-ei todo o dinheiro que possuo — rematou o rapaz com tristeza.*

*E, vasculhando a algibeira em que guardara o escasso dinheiro que lhe dera o patrício, tudo entregou ao desconhecido, cujos olhos fulguraram de cobiça e prazer. Num relance, aquela fisionomia contrafeita transformava-se no semblante risonho de quem deseja aliviar e socorrer.*

— *Oh! sois excessivamente generoso! — murmurara, apossando-se da bolsa recheada.*

— *O dinheiro é sempre bom — disse Jeziel — quando com ele podemos adquirir a simpatia ou a misericórdia dos homens.*

*O interlocutor fingiu não perceber o alcance filosófico daquelas palavras e asseverou:*

*- Vossa bondade, entretanto, dispensa o concurso de quaisquer elementos estranhos para a conquista de bons amigos. Eu, por exemplo, dirigia-me agora para o meu trabalho no porto, mas experimentei tanta simpatia pela vossa situação que aqui estou para quanto vos preste.*

— *Vosso nome?*

— *Irineu de Crotona, para vos servir — respondeu o interpelado, visivelmente satisfeito com o dinheiro que lhe refertava o bolso.*

— *Meu amigo — exclamou o rapaz extremamente enfraquecido —, estou enfermo e não conheço esta cidade, de modo a tomar qualquer resolução. Podeis indicar-me algum albergue ou*

*alguém que me possa prestar a caridade de um asilo?*

*Irineu esboçou uma fâcias de fingida piedade e respondeu:*

*— Pesa-me nada ter para colocar à disposição de vossas necessidades; e também não sei onde possa existir um abrigo adequado para receber-vos, como se faz preciso. A verdade é que, para a prática do mal, todos estão prontos, mas para fazer o bem...*

*Depois, concentrando-se por momentos, acrescentou:*

*— Ah! agora me lembro!... Conheço umas pessoas que vos podem auxiliar. São os homens do “Caminho”. (1)*

*Mais algumas palavras e Irineu prontificou-se a conduzi-lo ao conhecido mais próximo, amparando-lhe o corpo enfermo e vacilante.*

*O sol caricioso da manhã começava a despertar a Natureza com os seus raios quentes e confortadores. Feita a reduzida caminhada por um atalho agreste, sustido pelo meliante arvorado em benfeitor, Jeziel parava à porta de uma casa de aparência humilde. Irineu entrou e de lá regressou com um homem idoso, de semblante agradável, que estendeu a mão, cordialmente, ao moço hebreu, dizendo:*

*— De onde vens, irmão?*

*O rapaz admirou-se de tanta afabilidade e delicadeza, num homem a quem via pela primeira vez. Por que lhe dava o título familiar, reservado ao círculo mais íntimo dos que nasciam sob o mesmo teto?*

*— Por que me chamais irmão, se não me conheceis? — interrogou comovido.*

*Mas o interpelado, renovando o sorriso generoso, acrescentava:*

*— Somos todos uma grande família em Cristo Jesus.*

*Jeziel não compreendeu. Quem seria aquele Jesus? Um novo deus para os que desconheciam a lei? Reconhecendo que a enfermidade não lhe dava ensanchas a cogitações religiosas ou filosóficas, respondeu simplesmente:*

*Deus vos recompense pela generosidade da acolhida. Venho de Cefalônia, tendo adoecido gravemente em viagem, e assim e que, neste estado, recorro à vossa caridade.*



**(1) Primitiva designação do Cristianismo. (Nota de Emmanuel.)**

— Efraim — disse Irineu dirigindo-se ao dono da casa —, nosso amigo tem febre e o seu estado geral requer cuidados. Você, que é um dos bons homens do “Caminho”, há de acolhê-lo com o coração dedicado aos que sofrem.

*Efraim aproximou-se mais do jovem enfermo e observou:*

— Não é o primeiro doente de Cefalônia que o Cristo envia à minha porta. Ainda anteontem, outro aqui surgiu com o corpo crivado de feridas de mau caráter. Aliás, conhecendo a gravidade do caso, pretendo logo à tarde levá-lo para Jerusalém.

— Mas, é necessário ir tão longe? — perguntou Irineu com certo espanto.

— Somente lá, temos maior número de cooperadores — esclareceu com humildade.

Ouvindo o que diziam e considerando a necessidade de ausentar-se do porto em obediência às recomendações do patrício que se lhe mostrara tão amigo, restituindo-o à liberdade, Jeziel dirigiu-se a Efraim num apelo humilde e triste:

— Por quem sois! levai-me para Jerusalém convosco, por piedade!...

O interpelado, evidenciando natural bondade, anuiu sem maior estranheza:

— Irás comigo.

Abandonado por Irineu aos cuidados de Efraim, o doente recebeu carinhos de um verdadeiro amigo. Não fosse a febre e teria travado com o irmão um conhecimento mais íntimo, procurando conhecer minuciosamente os nobres princípios que o levaram a estender-lhe a mão protetora. Contudo, mal conseguiu manter-se de pensamento vigilante sobre si mesmo, a fim de elucidar as suas interrogações carinhosas, medicando-se convenientemente.

Ao crepúsculo, aproveitando a frescura da noite, uma carroça, cuidadosamente velada por um toldo de pano barato, saía de Jope com destino a Jerusalém.

*Caminhando cuidadoso para não esfaltar a pobre alimária, Efraím transportava os dois enfermos à cidade próxima, buscando os recursos indispensáveis. Descansando aqui e ali, somente na manhã seguinte o veículo parou à porta de um casarão de grandes proporções, aliás paupérrimo em sua feição exterior. Um rapaz de semblante alegre veio atender ao recém-vindo, que o interpelou com intimidade:*

- *Urias, poderás dizer-me se Simão Pedro está?*
- *Está, Sim.*
- *Poderás chamá-lo em meu nome?*
- *Vou já.*

*Acompanhado de Tiago, irmão de Levi, Simão apareceu e recebeu o visitante com efusivas demonstrações de carinho. Efraim esclareceu o motivo da sua presença. Dois desamparados do mundo requeriam auxílio urgente.*

- *Mas é quase impossível - atalhou Tiago. - Estamos com quarenta e nove doentes acamados.*

*Pedro esboçou um sorriso generoso e obtemperou:*

- *Ora, Tiago, se estivéssemos pescando, seria justo nos eximíssemos desse ou daquele dever que exorbitasse a esfera das obrigações inadiáveis de cada dia, junto da família, cuja organização vem de Deus; mas agora o Mestre nos legou o trabalho de assistência a todos os seus filhos, no sofrimento. Presentemente, nosso tempo se destina a isso; vejamos, pois, o que é possível fazer.*

*E o bondoso Apóstolo adiantou-se para acolher os dois infelizes.*

*Desde que viera do Tiberíades para Jerusalém, Simão transformara-se em célula central de grande movimento humanitarista. Os filósofos do mundo sempre pontificaram de cátedras confortáveis, mas nunca desceram ao plano da ação pessoal, ao lado dos mais infortunados da sorte. Jesus renovara, com exemplos divinos, todo o sistema de pregação da virtude.*

*Chamando a si os aflitos e os enfermos, inaugurara no mundo a fórmula da verdadeira benemerência social.*

*As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre.*

*Era por esse motivo que a residência de Pedro, doação de vários amigos do "Caminho", regurgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesaréia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Iduméia, nos braços maternos, todos atraídos pela fama do profeta nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranqüilidade aos corações mais infortunados do mundo.*

*Natural era que nem todos se curassem, o que obrigava o velho pescador a agasalhar consigo todos os necessitados, com carinho de um pai. Recolhendo-se ali, com a família, era auxiliado particularmente por Tiago, filho de Alfeu, e por João; mas, em breve, Filipe e suas filhas instalavam-se igualmente em Jerusalém, cooperando no grande esforço fraternal.*

*Tamanho o movimento de necessitados de toda sorte, que há muito Simão não mais podia entregar-se a outro mister, no concernente à pregação da Boa Nova do Reino. A dilatação desses misteres vinculara o antigo discípulo aos maiores núcleos do judaísmo dominante. Obrigado a valer-se do socorro dos elementos mais notáveis da cidade, Pedro sentia-se cada vez mais escravo dos seus amigos benfeitores e dos seus pobres beneficiados, acorridos de toda parte, em grau de recurso supremo ao seu espírito de discípulo abnegado e sincero.*

*Atendendo às solicitações confiantes de Efraim, providenciou para que ambos os enfermos fossem instalados na sua casa pobre.*

*Jeziel ocupou leito asseado e singelo, em estado de completa inconsciência, no delírio da febre que o prostrava. Suas palavras desconexas, entretanto, revelavam tão exato conhecimento dos textos sagrados, que Pedro e João se interessaram de modo especial por aquele jovem de faces macilentas e tristes. Mormente Simão, passava longas horas entretido em ouvi-lo, anotando-lhe os conceitos profundos, embora filhos da exaltação febril.*

*Decorridas duas semanas exaustivas, Jeziel melhorou, rearmonizando as próprias faculdades para melhor analisar e sentir a nova situação. Afeiçoara-se a Pedro, como um filho afetuoso ao legítimo pai. Notando-lhe o carinho, de leito em leito, de necessitado a necessitado, o moço hebreu experimentava deliciosa e íntima surpresa, O ex-pescador de Cafarnaum, relativamente moço ainda, era o exemplo vivo da renúncia fraterna.*

Tão logo convalescente, Jeziel foi transferido a ambiente mais calmo, à sombra amena de vetustas tamareiras que circundavam a velha casa.

Entre ambos estabelecera-se, desde os primeiros dias, a corrente magnética das grandes atrações afetivas.

Nessa manhã, as observações amáveis sucediam-se e, não obstante a justa curiosidade que lhe pairava na alma, a respeito do interessante hóspede, Simão ainda não tinha logrado o ensejo de um intercâmbio de idéias, mais íntimo, de maneira a sondar-lhe os pensamentos, inteirando-se dos seus sentimentos e da sua origem. Ao sopro generoso da aragem matinal, sob as árvores frondosas, o Apóstolo criou ânimo e, a certa altura, depois de distrair o convalescente com alguns ditos afetuosos, buscou penetrar-lhe o mistério, cuidadosamente:

— Amigo — disse com jovial sorriso —, agora que Deus te restituiu a saúde preciosa, regozijo-me por havermos recebido tua visita em nossa casa. Nosso júbilo é sincero, pois que, nos mínimos detalhes da tua permanência entre nós, revelaste a condição espiritual de filho legítimo dos lares organizados com Deus, pelo conhecimento que tens dos textos sagrados. E tanto me impressionei com as tuas referências a Isaías, quando deliravas com febre alta, que desejaria saber de que tribo descendes.

Jeziel compreendeu que aquele amigo sincero, antes irmão carinhoso nas horas mais críticas da enfermidade, desejava conhecê-lo melhor, identificá-lo íntima e profundamente, com delicada argúcia psicológica. Achou justo e considerou que não devia desprezar o amparo de um coração verdadeiramente fraterno, para o acendimento das próprias energias espirituais.

— Meu pai era filho dos arredores de Sebaste e descendia da tribo de Issacar — esclareceu, atencioso.

— E era tão altamente dedicado ao estudo de Isaías?

— Estudava sinceramente todo o Testamento, sem preferências, talvez, de ordem particular. A mim, porém, Isaías sempre me impressionou profundamente pela beleza das promessas divinas de que foi portador, anunciando-nos o Messias, sobre cuja vinda tenho meditado desde a infância.

Simão Pedro esboçou um sorriso de viva satisfação e disse:

— Mas, não sabes que o Messias já veio?

*Jeziel teve um brusco sobressalto na cadeira improvisada.*

— *Que dizeis? — inquiriu ansioso.*

— *Nunca ouviste falar em Jesus de Nazaré?*

*Embora recordasse vagamente as palavras ouvidas de Efraim, declarou:*

— *Nunca!*

— *Pois o profeta nazareno já nos trouxe a mensagem de Deus para todos os séculos.*

*E Simão Pedro, olhos acesos na chama luminosa dos que se sentem felizes ao recordar um tempo venturoso, falou-lhe da exemplificação do Senhor, traçando uma perfeita biografia verbal do Mestre sublime.*

*Em traços de forte colorido, lembrou os dias em que o hospedava no seu tugúrio à margem do Genesaré, as excursões pelas aldeias vizinhas, as viagens de barca, de Cafarnaum aos sítios marginais do lago. Era de se lhe ver a emoção intraduzível da voz, a alegria interior com que rememorava os feitos e prédicas junto ao lago marulhoso, acariciado pelo vento, a poesia e a suavidade dos crepúsculos vespertinos. A imaginação viva do Apóstolo sabia tecer comentários judiciosos e brilhantes ao evocar um leproso curado, um cego que recuperara a vista, uma criancinha doente e prestes restabelecida.*

*Jeziel bebia-lhe as palavras, inteiramente empolgado, como se houvesse encontrado um mundo novo. A mensagem da Boa Nova penetrava-lhe o espírito desencantado, como um bálsamo suave.*

*Quando Simão parecia prestes a terminar a narrativa, não pôde conter-se e perguntou:*

— *E o Messias? Onde está o Messias?*

— *Há mais de um ano — exclamou o Apóstolo apagando a vivacidade com a lembrança triste — foi crucificado aqui mesmo em Jerusalém, entre os ladrões.*

*Em seguida, passou a enumerar os martírios pungentes, as dolorosas ingratidões de que o Mestre fora vítima, os ensinamentos derradeiros e a gloriosa ressurreição do terceiro dia. Depois, falou dos primeiros dias do apostolado, dos acontecimentos do*

*Pentecostes e das últimas aparições do Senhor, no cenário sempre saudosos da Galiléia distante.*

*Jeziel tinha as pupilas úmidas. Aquelas revelações sensibilizavam-lhe o coração, como se houvesse conhecido o profeta de Nazaré. E, ligando o perfil deste aos textos que retinha de cor, enunciou, quase em voz alta, como se falasse consigo mesmo:*

— *“Levantar-se-á (1) como um arbusto verde, na ingratidão de um solo árido...*

*Carregado de opróbrios e abandonado dos homens.*

*Coberto de ignomínias não merecerá consideração.*

*Será ele quem carregará o fardo pesado de nossas culpas e sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores.*

*Parecerá um homem vergado sob a cólera de Deus...*

*Humilhado e ferido deixar-se-á conduzir como um cordeiro, mas, desde o instante em que oferecer sua vida, os interesses do Eterno hão de prosperar nas suas mãos.”*

*Simão, admirado de tanto conhecimento dos sagrados textos, terminou dizendo:*

— *Vou buscar-te os textos novos. São as anotações de Levi (2) sobre o Messias redivivo.*

### **(1) Do Capítulo 53º, de Isaías. (2) Mateus.**

*E, em breves minutos, o Apóstolo lhe punha nas mãos os pergaminhos do Evangelho. Jeziel não leu; devorou. Assinalou, em voz alta, uma a uma, todas as passagens da narrativa, seguido pela atenção de Pedro intimamente satisfeito.*

*Terminada a rápida análise, o jovem advertiu:*

- *Encontrei o tesouro da vida, preciso examiná-lo com mais vagar, quero saturar-me da sua luz, pois aqui pressinto a chave dos enigmas humanos.*

*Quase em lágrimas, leu o Sermão da Montanha, secundado pelas comovedoras lembranças de Pedro. Em seguida, ambos passaram a comparar os ensinamentos do Cristo com as profecias que o anunciavam.*

*O jovem hebreu estava comovidíssimo e queria conhecer os mí-*

*nimos episódios da vida do Mestre. Simão procurava satisfazê-lo, edificado e satisfeito.*

*O generoso amigo de Jesus, tão incompreendido em Jerusalém, experimentava uma alegria orgulhosa por haver encontrado um jovem que se entusiasmava com os exemplos e ensinamentos do Mestre incomparável.*

*— Desde que dei acordo de mim em vossa casa — disse Jeziel —, verifiquei que participais de princípios que me não são conhecidos. Tanta preocupação em amparar os desfavorecidos da sorte representa uma lição nova para minha alma. Os doentes que vos abençoam, qual o faço agora, são tutelados desse Cristo que eu não tive a ventura de conhecer.*

*— O Mestre amparava a todos os sofredores e nos recomendou que o mesmo fizéssemos em seu nome, esclareceu o Apóstolo enfaticamente.*

*— De acordo com as instruções do Levítico — disse Jeziel —, toda cidade deve possuir, longe de suas portas, um vale, destinado aos leprosos e pessoas consideradas imundas; entretanto, Jesus nos deu um lar no coração daqueles que o seguem.*

*— O Cristo nos trouxe a mensagem do amor — explicou Pedro —, completou a Lei de Moisés, inaugurando um novo ensinamento. A Lei Antiga é justiça, mas o Evangelho é amor.*

*Enquanto o código do passado preceituava o “olho por olho, dente por dente”, o Messias ensinou que devemos “perdoar setenta vezes sete vezes” e que se alguém quiser tirar-nos a túnica devemos dar-lhe também a capa.*

*Jeziel sensibilizou-se e chorou. Aquele Cristo amoroso e bom, suspenso na cruz da ignomínia humana, era a personificação de todos os heroísmos do mundo. Como se aliviava ao analisá-lo! Sentia-se bem por não haver reagido contra o despotismo de que fora vítima. Cristo era o Filho de Deus e não desdenhara o sofrimento. Seu cálice transbordara e Pedro lhe fazia sentir que, nos instantes mais acerbos, aquele Mestre desconhecido e humilde, no mundo, sabia transmitir a lição da coragem, da renúncia e da vida. Como exemplo do seu amor, ali estava aquele homem simples e carinhoso, que lhe chamava irmão, que o acolhia como pai dedicado. O rapaz lembrou seus últimos dias em Corinto e chorou longamente. Foi aí que, abrindo o coração, tomou as mãos de Pedro e contou-lhe toda a*

sua tragédia, sem nada omitir e rogando-lhe conselhos.

*Finalizando a narrativa, acrescentou comovido:*

*- Revelastes-me a luz do mundo; perdoai, pois, se vos revelo meus sofrimentos, que devem ser justos. Tendes no coração as claridades da palavra do Salvador e haveis de inspirar minha pobre vida.*

O Apóstolo abraçou-o e murmurou:

— *Julgo prudente guardares o anonimato, pois Jerusalém regurgita de romanos e não seria justo comprometer o generoso amigo que te restituiu à liberdade. Teu caso, entretanto, não é novo, meu amigo. Estou nesta cidade há quase um ano, e, por estes leitões singelos, têm passado as mais singulares criaturas. Eu, que era um paupérrimo pescador, tenho adquirido ampla experiência do mundo, nestes poucos meses! A estas portas têm batido homens esfarrapados, que foram políticos importantes; mulheres leprosas, que foram quase rainhas!*

*Em contacto com a história de tantos castelos desmoronados, no jogo das vaidades mundanas, agora reconheço que as almas necessitam do Cristo, acima de tudo.*

*Essas explicações singulares constituíam conforto para Jeziel, que interrogou agradecido:*

— *E achais que vos poderia servir em alguma coisa? Eu, que era cativo dos homens, desejaria escravizar-me ao Salvador, que soube viver e morrer por todos nós.*

— *Serás meu filho, doravante — exclamou Simão num transporte de júbilo.*

— *E já que preciso reformar-me em Cristo, como me chamarei? — perguntou Jeziel com olhos fulgurantes de alegria.*

O Apóstolo refletiu algum tempo e falou:

— *Para que não te esqueças da Acaia, onde o Senhor se dignou de buscar-te para o seu ministério divino, eu te batizarei no credo novo com o nome grego de Estevão.*

*Consolidaram-se ainda mais os laços de simpatia que os aproximavam desde o primeiro instante, e o moço jamais olvidaria aquele encontro com o Cristo, à sombra das tamareiras aureoladas de luz.*



*Durante um mês, Jeziel, agora conhecido por Estevão, absorveu-se no estudo de toda a exemplificação e ensinamentos do Mestre que não chegara a conhecer de modo direto.*

*A casa dos apóstolos, em Jerusalém, apresentava um movimento de socorro aos necessitados cada vez maior, requerendo vasto coeficiente de carinho e dedicação. Eram loucos a chegarem de todas as províncias, anciões abandonados, crianças esquálidas e famintas. Não só isso. À hora habitual das refeições, extensas filas de mendigos comuns imploravam a esmola da sopa. Acumulando as tarefas com ingente sacrifício, João e Pedro, com o concurso dos companheiros, haviam construído um pavilhão modesto, destinado aos serviços da igreja, cuja fundação iniciavam para difundir as mensagens da Boa Nova. A assistência aos pobres, entretanto, não dava tréguas ao labor das idéias evangélicas. Foi quando João considerou irrazoável que os discípulos diretos do Senhor menosprezassem a sementeira da palavra divina e despendessem todas as possibilidades de tempo no serviço do refeitório e das enfermarias, visto que, dia a dia, multiplicava o número de doentes e infelizes que recorriam aos seguidores de Jesus como a última esperança para os seus casos particulares. Havia enfermos que batiam à porta, benfeitores da nova instituição que requeriam situações especiais para os seus protegidos, amigos que reclamavam providências a favor dos órfãos e das viúvas.*

*Na primeira reunião da igreja humilde, Simão Pedro pediu, então, nomeassem sete auxiliares para o serviço das enfermarias e dos refeitórios, resolução que foi aprovada com geral aprazimento. Entre os sete irmãos escolhidos, Estevão foi designado com a simpatia de todos.*

*Começou para o jovem de Corinto uma vida nova. Aquelas mesmas virtudes espirituais que iluminavam a sua personalidade e que tanto haviam contribuído para a cura do patrício, que o restituira à liberdade, difundiam entre os doentes e indigentes de Jerusalém os mais santos consolos. Grande parte dos enfermos, recolhidos ao casarão dos discípulos, recobriram a saúde. Velhos desalentados encontravam bom ânimo sob a influência da sua palavra inspirada na fonte divina do Evangelho. Mães aflitas buscavam-lhe o conselho seguro; mulheres do povo, esgotadas pelo trabalho e angústias da vida, ansiosas de paz e consolação, disputavam o conforto da sua presença carinhosa e fraterna.*

*Simão Pedro não cabia em si de contente, em face das vitórias do filho espiritual. Os necessitados tinham a impressão de haver*

*recebido um novo arauto de Deus para alívio de suas dores.*

*Em pouco tempo, Estevão tornou-se famoso em Jerusalém, pelos seus feitos quase miraculosos. Considerado como escolhido do Cristo, sua ação resoluta e sincera arregimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão. Seu nobre esforço não se limitava à tarefa de mitigar a fome dos desvalidos. Entre os Apóstolos galileus, sua palavra resplandecia nas pregações da igreja, iluminada pela fé ardente e pura. Quando quase todos os companheiros, a pretexto de não ferirem velhos princípios estabelecidos, deixavam de ampliar os comentários públicos para além das considerações agradáveis ao judaísmo dominante, Estevão apresentava à multidão, desassombradamente, o Salvador do mundo na glória das novas revelações divinas, indiferente às lutas que iria provocar, comentando a vida do Mestre com o seu verbo inflamado de luz. Os próprios discípulos surpreendiam-se com a magia das suas profundas inspirações. Alma temperada na forja sublime do sofrimento, sua pregação estava cheia de lágrimas e alegrias, de apelos e aspirações...*

Jeziel chegou à palestina foragido e muito doente. Pela bondade divina foi conduzido aos discípulos do “Caminho”, como eram chamados os primeiros cristãos. Então foi conduzido à Jerusalém para a Casa do Apóstolo Pedro cujo nome era Casa do Caminho, uma instituição que atendia os necessitados de pão, esclarecimentos e amparo. Apesar de todas as dificuldades materiais que a Casa do Caminho passava, seus trabalhadores receberam Jeziel com toda dedicação e Amor.

A Casa do Caminho era uma instituição simples que dependia apenas de doações e do trabalho voluntário e abnegado dos primeiros cristão que dessa forma buscavam sua unidade um ano após a crucificação de Jesus.

Jeziel recuperou-se, tomou conhecimento da boa-nova e logo conquistou a simpatia de Pedro pelo seu conhecimento das escrituras e pela sua fé ardente. Tornou-se importante colaborador da Casa do Caminho tendo seu nome trocado para Estevão para evitar problemas com a justiça romana.

O Apóstolo Pedro deixou grande exemplo de direção de uma Casa Espírita: recebeu com amor o assistido, sem se importar com sua origem ou com as dificuldades da Casa do Caminho; tratou-o com amor não apenas prestando o auxílio material, mas também lhe ensinando o Evangelho; percebeu o potencial de Jeziel delegando-lhe responsabilidades dentro da Casa do Caminho; Pedro que foi um simples pescador Galileu também não se sentiu diminuído diante da eloquência de Jeziel que passou a ser chamado de Estevão, o primeiro mártir do Cristianismo.

Na humilde Casa do Caminho o cristianismo foi exemplificado na prática e a partir dela o Evangelho espalhou-se para diversas partes do mundo.

Este é o modelo que a Casa Espírita precisar reviver: O Espiritismo é o cristianismo redivivo.

## 6

## Conclusão

Em *A Manutenção da Casa Espírita* nós refletimos sobre a importante função da Casa Espírita e suas atividades fundamentais: recepção, palestras, atendimento particular, reunião mediúnicas, assistência espiritual passes, livro de preces, assistência material, estudos doutrinários e divulgação da doutrina.

Depois de entender a função da Casa Espírita conseguimos desmitificar o tema Manutenção da Casa Espírita primeiramente remetendo o leitor à forma de Administração da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas fundada por Allan Kardec, observando sua constituição e sua finalidade.

Comparamos a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas com a atual Casa Espírita que por sua vez assumiu maiores responsabilidades como, por exemplo, a assistência social, bem como o fato de atualmente recebemos todos os públicos em nossas Casas Espíritas.

Ressaltamos a importância da Administração da Casa Espírita feita de forma democrática e capacitadora mediante eleições periódicas, formação de equipes trabalho, revezamento de atividades e de valorização de todos os envolvidos.

Entre duas correntes divergentes sobre a Manutenção da Casa Espírita, a corrente dos que defendem que todos dever ser associados e pagar uma mensalidade mensal e a corrente dos que são contra qualquer tipo de cobrança, devendo a Casa Espírita viver exclusivamente de doações voluntárias, **defendemos então, uma terceira idéia: A da Manutenção Democrática Participativa.**

A Manutenção Democrática Participativa da Casa Espírita divide as responsabilidades de acordo com o grau de possibilidade e envolvimento de cada membro permitindo a participação de todos.

O membro que tem a possibilidade e interesse em se envolver mais nas atividades da Casa Espírita pode se associar voluntariamente assumindo uma mensalidade fixa para o custeio das despesas fixas da Casa Espírita tais como água, luz, telefone, impostos, etc.

O membro iniciante ou que não tem condições de contribuir mensalmente nem por isso deixará de ajudar, pois será convidado a participar de campanhas de doação, festas e eventos que custearão, por exemplo, a assistência social, ampliações de espaço e a implantação de novos trabalhos, etc. Tudo em conformidade com os princípios Evangélicos e da Doutrina Espírita.

Nesta vida ninguém é totalmente rico que não possa receber ajuda e ninguém é totalmente pobre que não possa ajudar com algo.

No final relembramos o modelo *Casa do Caminho* para refletir se estamos revivendo realmente o cristianismo em nossas atividades da Casa Espírita.

A responsabilidade da Manutenção da Casa Espírita cabe a todos nós.

# 7

## Bibliografia

CRUZ, Rodrigo Felix da. *O Espiritismo em Movimento*.

KARDEC, A. *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Médiuns*.

XAVIER, F. C. Paulo e Estevão

\_\_\_\_\_. *Conduta Espírita*.

Bíblia Sagrada – O Antigo e o Novo Testamento. Traduzido em Português por João Ferreira de Almeida, 87ª impressão. São Paulo SP, 1997. Editora Imprensa Bíblica Brasileira e Editora Vida.

INTERNET (pesquisas realizadas em 20.04.2011):

<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/movimento/a-incoerencia-espirita.html>

<http://cgccloviscosta.blogspot.com/2010/08/incoerencia-espirita-e-taxa-de.html>

<http://www.luzdecaritas.com.br/>

<http://www.perseveranca.org.br/cep/>

<http://www.amigosdobem.org/>

**PORTAL LUZ ESPÍRITA** – [www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br) - site espírita que possui excelente link para download de obras espíritas, como por exemplo, a Revista Espírita em língua portuguesa e recente publicação em Francês, Espanhol e Inglês.

**A MANUTENÇÃO DA CASA ESPÍRITA** faz um exercício reflexão do papel do centro espírita e de como prover sua manutenção. O autor estabelece uma comparação entre a Casa do Caminho, primeiro ajuntamento cristão, a Sociedade Parisiense de Estudos Espírita, primeira Casa Espírita e a atual Casa Espírita. Nessa comparação sugere-se uma Administração democrática e participativa que estabelecerá várias formas de prover a Manutenção da Casa Espírita. Uma delas é o estabelecimento de uma contribuição mensal e voluntária para os membros que tenham condições e envolvimento mais profundo com a causa espírita, bem como a implantação de atividades como bazar, festas e eventos obedecendo aos princípios espíritas cristão onde todos podem contribuir.

Em **A MANUTENÇÃO NA CASA ESPÍRITA** o leitor encontrara sugestões para fazer a manutenção da Casa Espírita de forma democrática e dentro dos princípios da Doutrina codificada por Allan Kardec mediante uma leitura simples que possa atingir a todos os públicos.

### *Do Autor:*

**RODRIGO FELIX DA CRUZ** é bacharel e licenciado em Letras Português/Francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da USP. Atualmente, dedica-se ao estudo da Doutrina Espírita escrevendo ensaios como *O Perispírito*, *O Pensamento*, *O Espiritismo em Movimento*, *A Música na Casa Espírita* e *A Fé na Casa Espírita*, bem como a difusão da Música no meio espírita.





*[www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br)*